

# ARTESANATO EM CERÂMICA – ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO E RETOMADA CULTURAL. (O CASO DOS PATAXÓ DE PORTO SEGURO- BAHIA)

## CERAMIC CRAFTS - ALTERNATIVE EDUCATION AND CULTURAL RESUMPTION: THE CASE OF THE PATAXÓ OF PORTO SEGURO - BAHIA

Paulo Roberto de Souza 1

**Resumo:** Este é um relato da experiência de implantação do núcleo de produção de cerâmica tradicional, executado depois de um longo trabalho prático e de uma pesquisa acadêmica referente aos povos Pataxó de Porto Seguro, BA. Esse trabalho esteve focado na retomada da cerâmica como alternativa ao uso da madeira e geração de renda, na perspectiva de uma Tecnologia Social, criada a partir dos conhecimentos ancestrais desses povos tradicionais. É uma proposta de intervenção, apoiada por uma pesquisa-ação, que partiu dos modos dos saberes e fazeres tradicionais e chegou a um currículo decolonial para um curso técnico de Artesã em cerâmica. Esta relacionada aos saberes tradicionais do barro e partiu da compreensão de que esses saberes desencadeiam processos e práticas sociais e suas ações, podem ser consideradas como potencialmente formadoras e educadoras. Tivemos por objetivo observar, implantar, registrar e avaliar o potencial da cerâmica como ocupação arte-educativa e política, já que sua retomada tem um forte apelo social, potencializado pelo fato de ser um possível gerador de renda. Estivemos observando as relações e contradições no contexto sociocultural, e as implicações dessa retomada cultural de fazeres e saberes ancestrais, no cotidiano da comunidade da Aldeia da Jaqueira em Porto Seguro, Bahia. Lançamos mão de metodologias dialógicas para isso, já que o projeto apoiou-se em aportes teóricos de uma educação emancipatória; da antropologia social; da pós-colonialidade; dos fundamentos das relações étnico-raciais; da economia criativa e solidária e da economia da cultura.

**Palavras-chave:** Tecnologia Social. Saberes Pataxó. Retomada Cultural.

**Abstract:** This is an account of the experience of implantation of the nucleus of production of traditional ceramics, executed after a long practical work and an academic research concerning the Pataxó peoples of Porto Seguro, BA. This work was focused on the resumption of ceramics as an alternative to the use of wood and income generation, in the perspective of a Social Technology, created from the ancestral knowledge of these traditional peoples. It is an intervention proposal, supported by action research, which started from traditional ways of knowing and doing and arrived at a decolonial curriculum for a technical course in Ceramic Artisan. It is related to the traditional knowledge of clay and started from the understanding that this knowledge, trigger social processes and practices and their actions, can be considered as potentially formative and educators. We aimed to observe, implement, register and evaluate the potential of ceramics as an art-educational and political occupation, since its resumption has a strong social appeal, potentiated by the fact that it is a possible income generator. We have been observing the relationships and contradictions in the sociocultural context, and the implications of this cultural resumption of ancestral practices and sabers, in the daily life of the community of Aldeia da Jaqueira in Porto Seguro, Bahia. We made use of dialogic methodologies for this, since the project was supported by theoretical contributions of an emancipatory education; of social anthropology; of post-coloniality; the foundations of ethnic-racial relations; the creative and solidarity economy and the culture economy.

**Keyword:** Pataxó Knowledge. Social Technology. Cultural Resumption

## Introdução

Gostaria de inicialmente qualificar meu lugar de fala, como artista e pesquisador do LEAA - Laboratório de Etnomusicologia Antropologia e Audiovisual/ Recôncavo, onde iniciei essa pesquisa sob a supervisão da professora Dr<sup>a</sup>. Francisca Helena Marques, o que me fez toda a diferença, por seu carinho e competência na condução acadêmica desse trabalho desde o seu início. Essa pesquisa está inserida na dissertação de mestrado no Programa de Ensino e Relações Étnico-raciais na Universidade Federal do Sul da Bahia, PPGER/UFSB, aonde venho estudando mais a fundo a retomada da cerâmica Pataxó, que começa no ano de 2010 e recebe o prêmio Interações Estéticas em pontos de cultura/ FUNARTE - Fundação Nacional de Arte daquele ano.

“Na criatividade brasileira reside a capacidade de movimentar a economia, reduzir desigualdades e fortalecer a autoestima da população. Como em outras regiões do planeta, está aberto o debate – e a busca de soluções – em torno da indústria cultural e da chamada Economia Criativa. A economia criativa é responsável por 7% de toda a riqueza produzida no planeta, são cerca de 5 mil grupos étnicos em 200 países”. (IPEA PNUD 2009)

**Figura 2.** Dona Nega Pataxó (103 anos) Anciã e guardiã dos saberes da cerâmica Pataxó



Fonte: Paulo Souza.

## O Artesanato e o artesanó

O artesanato é uma alternativa de subsistência, firmada na tradição e na cultura, Canclini, (1983), afirma que “a cultura produz fenômenos capazes de contribuir, mediante representação ou reelaboração simbólica, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social”, ou seja, ela atua na construção de sentidos. Hall, (2002) em seus estudos culturais, defende a centralidade da cultura na formação e regulação dos modos de vida das sociedades.

Nosso propósito com esse projeto é atender uma solicitação da comunidade e com isso, contribuir significativamente para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social do território Pataxó. Este é um projeto de Arte Educação que se adapta ao conceito de Tecnologia Social e está em alinhamento com o cumprimento das metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU); com a Estratégia Nacional de Ciência,

Tecnologia e Inovação (ENCTI) e com o Plano Progridir, o que também vai contribuir para o alcance das metas da Agenda 2030. Essa proposta de pesquisa-ação visa possibilitar a geração de trabalho e renda, através do desenvolvimento de um artesanato em cerâmica, uma alternativa que ganha espaço no mercado cada vez mais diverso, e que no território, é marcado profundamente pela indústria do turismo.

A lei Nº 13.180, de 22 de Outubro de 2015 (Brasília, 22 de outubro de 2015- DILMA VANA ROUSSEFF – presidenta), define o artesão e a profissão da seguinte maneira:

Art. 1o Artesão é toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada.

Parágrafo único. A profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos, desde que visem a assegurar qualidade, segurança e, quando couber, observância às normas oficiais aplicáveis ao produto. (Dilma V. Rousseff 2015)

A lei em questão também fala do artesanato, como objeto de políticas específicas no âmbito da União, e aponta 7 (sete) diretrizes básicas para isso, diretrizes muito importantes para o setor e que explicitamos a seguir:

1 - A valorização da identidade e cultura nacionais; 2 - A destinação de linha de crédito especial para o financiamento da comercialização da produção artesanal e para a aquisição de matéria-prima e de equipamentos imprescindíveis ao trabalho artesanal; 3 - A integração da atividade artesanal com outros setores e programas de desenvolvimento econômico e social; 4 - A qualificação permanente dos artesãos e o estímulo ao aperfeiçoamento dos métodos e processos de produção; 5 - O apoio comercial, com identificação de novos mercados em âmbito local, nacional e internacional; 6 - A certificação da qualidade do artesanato, agregando valor aos produtos e às técnicas artesanais; 7 - A divulgação do artesanato.(LEI Nº 13.180, DE 22 DE OUTUBRO DE 2015).

Essa lei está longe de ser cumprida, e as diretrizes tão pouco saíram do papel, pelo contrário, um mar de interesses e a informalização crescente, além do acesso a produtos semi-industrializados e baratos, dão ares ao artesanato brasileiro de uma total falta de atenção. A criação do curso técnico para a formação de artesãos em cerâmica Pataxó, mesmo quase sem apoio institucional, foi pauta discutida na comunidade Pataxó e só se tornou possível, a partir da decisão da comunidade de apostar na retomada dos saberes da cerâmica na aldeia da Jaqueira, o que começou com o prêmio Interações estéticas em 2010. O curso FIC (Formação Inicial e Continuada), está em consonância com as diretrizes básicas da educação para o trabalho e visa resumidamente, retomar as práticas e alcançar especialização, para então propor uma diversificação na matriz artesanal local. Além da geração de trabalho e renda, outros aspectos importantes para as comunidades, foram rigidamente observados, entre eles, o aspecto cultural, que é fundamental para o projeto. Para o desenvolvimento das bases epistemológicas do curso, foi realizada uma ampla pesquisa com entrevistas a anciãs, mestras e mestres tradicionais, contamos com observações in loco em duas comunidades tradicionais: as Ceramistas de Coqueiros no recôncavo baiano, e a comunidade Pataxó da aldeia da Jaqueira, em Porto Seguro- Bahia.

Ensaio diversos para a produção de peças; encontros; uma intensa pesquisa bibliográfica e diversas oficinas práticas compuseram as práticas do curso de artesão em cerâmica, obedecendo sempre em primeiro lugar, os saberes tradicionais e seus modos de fazer.

## Metodologia

O trabalho foi sendo desenvolvido através de uma metodologia dialógica, com a investigação in loco, num intenso, mas prazeroso trabalho de campo e exame minucioso de documentação etnográfica disponível para a pesquisa, (entrevistas; registros escritos, áudios, vídeos e fotografias), sempre levando em conta o contexto das comunidades. Para o desenvolvimento desse projeto, utilizamos a pesquisa-ação, em princípio partimos de um levantamento bibliográfico que nos trouxe subsídios teóricos de conteúdo sobre a cultura Pataxó, sobre a cerâmica e sobre a aplicação do próprio método etno biográfico.

“A pesquisa-ação é uma metodologia de desenvolvimento coletivo. Nela, a ação comunicativa e a humanidade formam as bases para a interação que se caracteriza pela relação direta entre o pesquisador e o grupo pesquisado. A pesquisa-ação possibilita uma cumplicidade nos saberes compartilhados” (Thiolent 1985: p14)

Durante o projeto, foram capacitados multiplicadores dos fazeres da cerâmica Pataxó, os quais se tornaram os professores do curso atualmente. As oficinas para a produção de objetos, utilitários e acessórios diversos, foram ministradas durante o período de estágio desse mestrado, em conjunto entre os mestres e os artistas da comunidade, sempre respeitando seus valores culturais e suas necessidades locais. Foi criado assim, um critério de avaliação do domínio das técnicas, desde a preparação da massa, passando pela modelagem, secagem e queima e chegando ao acabamento final de várias peças e para diferentes usos. A coleção demonstra o domínio do aprendizado e a capacidade de produção, alcançados pela comunidade através das práticas e do curso.

**Figura 2.** Peças de Cerâmica Produzidas na Aldeia Pataxó da Jaqueira - BA



**Fonte:** Paulo Souza.

Posteriormente, espera-se que a comunidade tenha autonomia para dar continuidade ao projeto com uma produção sustentável, para tanto, observamos a necessidade de que ela se fortaleça, e que continue tendo um espaço para a discussão e difusão em suas vivências, desafios e conquistas, tanto de forma individual como coletiva.

Com a consecução dos objetivos desse projeto, prevemos fomentar cadeias e redes de produtos da base comunitária e conservacionista; dialogando com as políticas públicas e com a legislação pertinente (Plano de manejo de Unidades de Conservação e Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da sócio biodiversidade, entre outros); demonstrar sustentabilidade ambiental, social e econômica; contribuir para o melhor aproveitamento, e agregar valor a produtos e ou subprodutos da atividade, esses fatos transformam a tecnologia social num negócio de impacto social.

Nossa principal tarefa foi envolver todos os segmentos da área de abrangência da proposta, na elaboração, proposição e execução do projeto, além de prever as estratégias de controle social e gestão participativa junto à comunidade, que mereceu atenção especial. Decidimos pelo envolvimento, aplicação, aperfeiçoamento e avaliação do projeto como Tecnologia Social, como aquela que promove educação e geração de renda, inclusão no mundo do trabalho e autonomia econômica para as famílias envolvidas.

Procuramos atender preferencialmente, mulheres, moradoras da comunidade e inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal. Essa proposta atende aos requisitos de simplicidade, fácil aplicabilidade, replicabilidade, efetivo impacto e repercussão social, o que a caracteriza como “Tecnologia Social”.

Tecnologia Social segundo o CNPQ deve ser entendida como “produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social” (RTS). A Reaplicação pode ser entendida como adequação sócio técnica do produto tecnológico incluindo o entorno sócio cultural e econômico da sociedade (CNPQ 2018).

Os objetivos gerais do projeto, intimamente ligados aos objetivos para o desenvolvimento Sustentável (ODS), que fazem parte de um Protocolo Internacional da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) no qual o Brasil assumiu o compromisso de implementar a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

A Agenda 2030 representa uma ferramenta orientadora para o planejamento de ações e políticas públicas perenes, capazes de levar o Brasil ao efetivo alcance do desenvolvimento sustentável, em busca do equilíbrio entre a prosperidade humana com a proteção do planeta. Os principais objetivos dessa agenda são: acabar com a pobreza e a fome; lutar contra as desigualdades com a promoção da prosperidade e bem-estar para todos; proteger o ambiente e combater mudanças climáticas.

Outra diretriz importante para nosso projeto é a Estratégia Nacional de Ciência e Tecnologia – ENCTI 2016-2022, que contém a orientação estratégica de médio prazo para a implementação de políticas públicas na área de ciência e tecnologia. Entre outras coisas, essa estratégia reconhece que o Brasil, possui deficiências socioeconômicas históricas a serem superadas, especialmente no que diz respeito às desigualdades sociais e às assimetrias regionais, incluindo o acesso à ciência, à tecnologia e à inovação. Define doze temas estratégicos em CT&I, um dos quais é Ciência e Tecnologias Sociais, que tem como objetivo: “*desenvolver e difundir conhecimentos e soluções criativas para a inclusão produtiva e social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania*”, que acreditamos estar contemplado nesse projeto.

## **Nossas metas**

1. Solução de demandas sociais concretas, vividas e identificadas pela comunidade;
2. Participação, apropriação e aprendizagem por parte da comunidade e de outros atores envolvidos;
3. Planejamento e aplicação de conhecimento de forma organizada;
4. Produção de novos conhecimentos a partir da prática;
5. Sustentabilidade econômica, social e ambiental;

6. Aprendizagens que sirvam de referência para novas experiências.

O Plano ProgreDir, instituído pelo Decreto nº 9.160, de 26 de setembro de 2017, se constitui num conjunto articulado de ações de inclusão produtiva para pessoas inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal e tem como objetivos, estimular e ampliar o acesso de pessoas incluídas no Cadastro Único ao mundo do trabalho e propiciar melhores condições de emprego e renda, o que está contemplado plenamente em nosso projeto.

Como nações culturais híbridas, na afirmação de Hall (2002), no território da “Costa da Invasão” (grifos meus), os Pataxó tentam, sobre tudo, reconstruir sua cultura, sua língua e seus costumes, de modo a retomar seu território e seus saberes tradicionais. Os fazeres, decorrentes da retomada, sempre transformados, podem proporcionar autonomia sócio política, econômica e sócio ambiental, não só para as jovens envolvidas, ela “*representa esperança para toda uma geração Pataxó*”, Segundo uma de suas lideranças, Nitxinawã Pataxó.

Se Lévi Strauss (1977) identificou a crise de identidade como “*mal do século*” a partir do contato entre grupos étnicos diferentes, no território Pataxó do sul da Bahia experimentamos essa crise elevada a uma potência absurda hoje. De um lado, o povo Pataxó, numa busca incessante por sua identidade cultural, e do outro lado (literalmente da rua), a colonização e o capitalismo selvagem, aqui com a face frenética, perversa e alegórica do turismo. Um turismo, que exige uma “*interpretação*” da cultura, sempre pela ótica do colonizador. Esse fato, acaba influenciando nos modos de vestir, falar, comer e representar sua arte, e de algum modo, também influencia chegando a alguns casos, até a altera-la.

“A crise de identidade seria o novo mal do século. Quando hábitos seculares vêm abaixo; quando gêneros de vida desaparecem, quando velhas solidariedades desmoronam, é comum, certamente, que se produza uma crise de identidade” (LÉVI-STRAUSS, 1977:10-11).

Essa crise e alteração são bastante visíveis na região. No caso da introdução da madeira como matriz artesanal entre os Pataxó, por exemplo, esse recurso foi usado claramente como uma cortina de fumaça para o desmatamento, cujas raízes estão na década de 70, quando madeiras se instalaram no extremo sul da Bahia e devastaram uma imensa área de Mata Atlântica, com vistas à chegada do invasor das décadas seguintes, o Eucalipto.

Madeira nobre em profusão foi retirada clandestinamente do que hoje é o Parque Nacional do Monte Pascoal, e a devastação da mata atlântica nessa região, que aconteceu mais severamente a partir de 1975, conforme evidenciam estudos apresentados no X Encontro de Geógrafos da América Latina, continua até hoje.

[...] A Mata Atlântica Primária, ou seja, floresta em excelente estado de conservação sofreu uma forte redução de sua área, passando de 350.683,85 hectares, em 1975, para apenas 29.256,80 hectares, no ano de 1995 representando apenas 1,2% da área coberta por vegetação na região de estudo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina (BLINDER 2005).

Foram 320 mil hectares, devastados num processo de desmatamento desenfreado, e certamente mecanizado, o que trouxe mais eucalipto para o sul e o extremo sul da Bahia, e junto com ele, um enorme passivo ambiental. Logicamente essa devastação não aconteceu por conta do artesanato Pataxó, embora alguns “*menos avisados*”, ainda procurem culpa-los.

A Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento de 1992 (Rio 92), reafirma a declaração adotada em Estocolmo 20 anos antes, em 1972, com relação aos povos tradicionais.

“As populações indígenas e suas comunidades, bem como outras comunidades locais, têm o papel fundamental na gestão do meio ambiente e do desenvolvimento, em virtude de seus conhecimentos e práticas tradicionais. Os Estados devem reconhecer e apoiar de forma apropriada a identidade,

cultura e interesses dessas populações e comunidades bem como habilitá-las a participar efetivamente da promoção do desenvolvimento sustentável” (RAMID; RIBEIRO, 1992, p. 158). Segundo Arissana Braz Pataxó, (2012), “desde tempos antigos, os Pataxó extraíam da mata diversos produtos que os auxiliavam em sua vida cotidiana”.

“A produção Pataxó de objetos, seja para venda ou para uso próprio, sofreu diversas interferências desde os primeiros contatos, seja com índios ou com não índios. Assim, também os adereços usados ao longo dos últimos anos, vêm a cada dia, trazendo inovações e incorporando novas criações. Muita coisa mudou nas últimas décadas. As mudanças nos adereços são visíveis, foram ganhando mais cores, novos materiais e matérias-primas foram agregadas e esse é um fluxo contínuo, que não parou e provavelmente não será interrompido. Porém, muita coisa persiste entre os Pataxó, principalmente o saber repassado pelos mais velhos que está mantido na produção do presente”. (ARISSANA PATAXÓ 2012).

Segundo Darcy Ribeiro, ao chegar à Bahia, o primeiro grupo indígena com o qual os europeus tiveram contato foi o Tupiniquim, da família tupinambá, tronco tupi-guarani que já habitava quase totalmente o litoral do território. Mesmo a denominação “índio”, dada aos povos que habitavam as terras do Brasil é equivocada e decorre da ideia dos espanhóis, que anteriormente pensavam ter chegado às Índias não à América.

“Cada grupo étnico contribui de uma maneira para a modelagem de uma sociedade em formação, dando-lhe características próprias, tanto nos aspectos físicos quanto culturais, essa diversidade no Brasil é enorme e fundamental para a transformação da nossa sociedade, em constante formação”. (RIBEIRO 1997)

Fruto da expansão comercial europeia como explica Mignolo, e da missão cristã do século XV, a “conquista” do “Novo Mundo” (grifos meus), abriu uma etapa de imposições culturais sem precedentes: “Os colonizados foram “convencidos” a absorver os valores do colonizador, sendo inclusive forçados a assimilar sua língua e costumes, ao passo que o colonizador pouco ou nada considerava sobre a cultura ou muito menos, sobre os direitos sociais dos habitantes locais”. (Mignolo, 2007)

A negação da pré-existência de nações complexas com regras, linguagem e costumes culturais bem definidos no continente, esconde o genocídio, quase sempre praticado com requintes de perversidade. Apesar dessa violenta imposição, a resistência cultural e a ancestralidade são fortes, e nos permitem afirmar que, (como pensa Canclini), “a identidade cultural, de cada indivíduo, coletivo ou povo, influencia diretamente o sentido de nação, que por sua vez, assume características múltiplas, pois também é influenciada por processos diversos, entre eles os migratórios e os de colonização” e cujos impactos, são perfeitamente visíveis no território sul e extremo sul baiano, ao que indica, desde 1500 até hoje.

“Em uma terra mais diminuta, onde se agita uma população cada vez mais densa já não existe nenhuma fração desta humanidade, por longínqua e afastada que possa parecer que não esteja, direta ou indiretamente, em contato com todas as outras, e cujas emoções, ambições, pretensões e temores não digam respeito, quanto à segurança, à prosperidade e à própria existência, àquelas a que o progresso material havia parecido conferir uma intangível soberania”. CLAUDE LÉVI-STRAUSS (1974-1975). Bernard Grasset, 1977.

Entre as justificativas para esse projeto certamente há uma mercadológica, com foco no

consumo de objetos desenvolvidos a partir de conceitos de sustentabilidade e das relações étnico culturais. A sociedade de um modo geral, começa a tomar consciência da necessidade da redução dos impactos ambientais, provocados pelo consumo descontrolado de água e energia; pelo desmatamento e pelo desperdício de matéria-prima. Diversas comunidades tradicionais, organizadas em associações ou cooperativas, estão utilizando de seus saberes e fazeres tradicionais, para o desenvolvimento de produtos (étnicos e eco sustentáveis), tendo em vista a geração de renda. Tais produtos possuem um profundo valor social, e estão diretamente relacionados, ao protagonismo e a melhoria da qualidade de vida das pessoas que integram esses grupos.

Estimativas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MIDIC) dão números ao artesanato brasileiro, que movimenta cerca de R\$ 50 bilhões internamente e emprega cerca de 10 milhões de pessoas. Em números redondos, U\$ 30 milhões anuais em exportação para vários países do mundo. Os maiores compradores por ordem de importância são a França, com 29,2% do total; seguida pelo Reino Unido com 22% e a Alemanha com 5,5% do total. Fonte – (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio 2017).

Muitos desses produtos carregam matérias primas características dos locais e a identidade da comunidade onde são produzidos. São mais que simples objetos, são produtos riquíssimos em cultura, mas que muitas vezes, tem seu valor de venda subestimado, pela falta de um projeto eficiente de comunicação, produção e comercialização.

## O barro como matéria prima

O conceito básico de matéria prima diz que, ela é “a substância com a qual se fabrica os mais variados bens”. É um produto natural ou transformado usado como base no processo produtivo das indústrias. A matéria-prima pode ser de origem vegetal (por exemplo, o cacau, matéria-prima para fabricação do chocolate), animal (o couro com os quais se fabricam sapatos e bolsas) ou mineral (a bauxita, da qual é extraído o alumínio com que se fabricam latas, portas, etc.). Além das matérias-primas naturais existem as matérias-primas transformadas, ou seja, aquelas utilizadas não mais em seu estado natural, mas já industrializadas ou modificadas. É o caso do papel (matéria-prima transformada), obtido da celulose (matéria-prima natural), extraída de vegetais como o eucalipto, que é utilizada pela indústria para os mais variados fins.

A matéria prima da cerâmica é a argila, (ou o barro), que é fartamente encontrada no território Pataxó, mas que carece de maiores estudos de classificação, visto que o território é bastante amplo e diverso. O processo de exploração da argila é regulamentado por legislação específica, o código de mineração define regras relativas à exploração de recursos minerais, como é o caso da argila. No artigo terceiro do código, são definidas as regras relativas a direitos e regimes para aproveitamento desses recursos tratando a jazida como um bem imóvel e distinto do solo onde se encontra, pertence a classe VII substâncias minerais industriais não incluídos nas classes precedentes (DNPM, 2011). As argilas são classificadas de diferentes formas inclusive, as relacionadas aos grupos de minerais que a compõem. As técnicas mais utilizadas para sua classificação são as análises químicas, físico-químicas e mineralógicas, além de modernos meios como a fluorescência por raios X.

Segundo o Departamento Nacional de Patrimônio Mineral, as argilas extraídas do solo brasileiro são classificadas como: Comuns; Plásticas ou Refratárias, sendo que suas propriedades estão intrinsecamente ligadas à natureza dos minerais presentes na sua composição. (DNPM 2011)

Para se tornar uma massa modelável, a argila bruta passa por um processo de separação, secagem, trituração, peneiramento, reidratação, compactação e uso. As peculiaridades culturais e os saberes tradicionais atuam desde a etapa da extração, principalmente para gerir e economizar recursos tão caros.

Figura 3. A Celebração do barro Pataxó, cerimônia alusiva a divindade Txopai Itohã



Fonte - Paulo Souza.

O barro (argila+ água) para o povo Pataxó tem outra dimensão, a dimensão espiritual que vem do Mito de Origem, a divindade Txopai Itohã<sup>1</sup>.

Para as ceramistas de Coqueiros, a dimensão religiosa do barro está ligada ao Orixá feminino Nanã, deusa da vida e da morte. De fato, quando se trata da cerâmica, estamos lidando com a magia de vários elementos da natureza; com forças fundamentais e com alquimia, já que a partir da reação desses diversos elementos presentes na argila e através da Cocção, ou da ação intensa do fogo, é que chegamos à cerâmica, forjada em altas temperaturas, portanto, sob uma intensa pressão molecular. Terra, fogo água e ar, unidos em perfeita desarmonia, pois é na perturbação da pressão que surge a cerâmica.

A associação brasileira de cerâmica classifica a cerâmica em três grupos distintos: Cerâmica Indígena; Cerâmica popular (influenciada pela cerâmica indígena, africana e europeia); Cerâmica contemporânea ou Cerâmica artística (ligada a tecnologias modernas e fortemente influenciada pelo mercado). ABC Associação Brasileira de Cerâmica.

Na aldeia da Jaqueira as argilas encontradas são provenientes de fontes primárias, com forte impacto de intempéries, afloram em sítios escavados, também pela ação do homem. No caso, a área de prospecção fica num terreno inicialmente degradado pela construção da rodovia BR367 (do local foi retirado material para aterro), e hoje sofre forte erosão.

<sup>1</sup> Txopai Itohã Mito fundador - Quando Niamissum criou o mundo, ele fez a terra e toda a natureza. Criou os rios, as florestas, os animais, mas ele precisava de alguém para poder cuidar da sua criação. Um belo dia formou-se no céu algumas nuvens de chuva e ao primeiro pingo de água que caiu na terra, sobre o barro criou uma primeira pessoa, que foi um índio, e esse índio Niamissum falou que ele ia chamar Txopai, e que ele ia cuidar de toda sua criação, ia passar todo conhecimento e sabedoria pra ele cuidar da sua criação. Então Txopai falou pra Niamissum que ele sozinho não ia poder cuidar de tudo porque a terra era muito grande e ele não ia poder cuidar de tudo e falou que precisava de mais pessoas com ele e aí começou a cair mais pingos de água sobre a terra e aí foi espalhando na terra toda, e aí foi formando as aldeias né, mulheres crianças e assim foi surgindo o povo indígena né, inclusive os Pataxó e o barro passou a ser uma coisa de grande importância pra nós indígenas. NAYARA Pataxó.

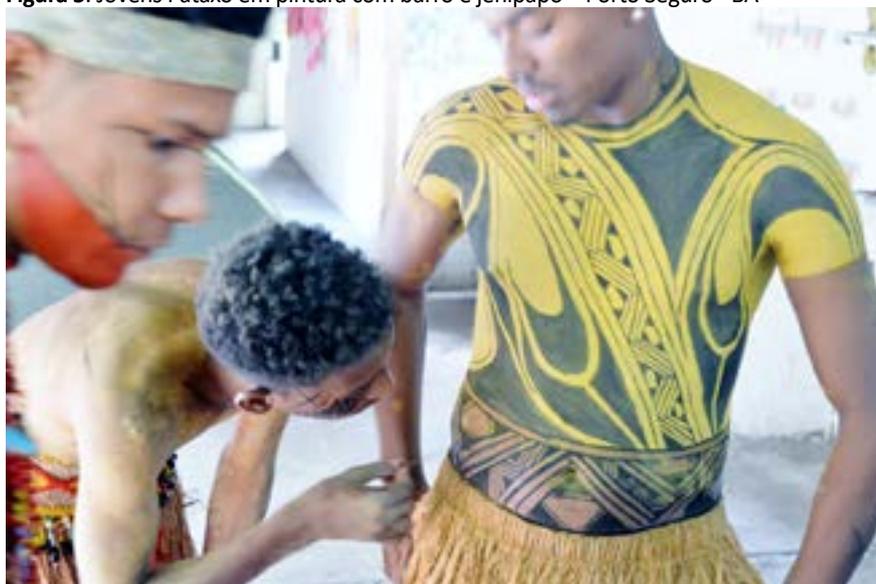
**Figura 4.** Terra indígena Pataxó Reserva da Jaqueira/área de argila – Porto Seguro - BA



**Fonte** – Paulo Roberto de Souza.

Essa aparente desordem geológica, deixou à vista distintos tipos de argilas transportadas, que apresentam características próprias da área onde são encontradas. Nos limites da reserva da Jaqueira, parte dessa argila é fluvial de coloração amarelada e com grande teor de ferro, oxidando após a queima e assumindo coloração vermelha; parte dessa argila é de pântano, rica em caulinita, apresentando uma coloração clara quando queimada. Outras cores aparecem alguns metros acima da área, provavelmente pelo escoamento e mistura provocadas pela erosão. Dessas matérias primas brutas, resultam massas de diferentes colorações, plasticidade, comportamento pós-queima e usos. Basicamente amarela, vermelha e branca, além das junções possíveis entre elas, por sua beleza e pureza, o povo Pataxó também as utiliza nas suas pinturas corporais, festivas ou diárias.

**Figura 5.** Jovens Pataxó em pintura com barro e jenipapo – Porto Seguro - BA



**Fonte** – Paulo Roberto de Souza.

Não podemos desconsiderar a finitude dos recursos naturais, principalmente quando a matéria prima é a argila. A eficiência de uma cadeia de produção está em poder prever e planejar questões como a disponibilidade ou uso da matéria prima, por exemplo. Devemos então considerar relevantes os conhecimentos tradicionais, também no que se refere aos hábitos de uso e conservação dos recursos naturais para que se mantenham as condições sustentáveis de extração. O artesanato desperta visões distintas, e nessa tese não é diferente. Se por um lado como pesquisadores colocamos o artesanato como a representação histórica da comunidade e como uma forma de reafirmação cultural e de autoestima (Canclini 1983; Hall 2002), também vemos o artesanato em cerâmica, como uma atividade econômica cooperativa, orientada para o mercado, calcada em valores essenciais de bioética e com forte potencialidade para a geração de renda aos envolvidos.

## A Cerâmica

Os historiadores são da opinião de que a cerâmica surgiu durante o período neolítico, com o homem na era agrícola e basicamente da necessidade de criar recipientes que permitissem guardar o excedente das colheitas. Há controvérsias quanto a isso. Achados recentes na China refutam a teoria do homem agrícola e colocam a cerâmica em plena era glacial. Fato é que a partir da aplicação da cocção, (ato de cozer), e do desenvolvimento de modelos geométricos e desenhos para a decoração dos objetos, surgiu a Olaria, ou a arte de elaborar potes de barro cozido. Os Chineses terão sido os primeiros a aplicarem técnicas avançadas para o cozimento desses objetos e seus conhecimentos expandiram-se primeiramente pelo mundo oriental e posteriormente, para o Ocidente, como foi o caso do Raku, uma técnica de queima originariamente do Japão do século XIV, que só alcança o ocidente por volta do século XVIII, mas que tem similaridades impressionantes com a tradição milenar do povo Kaygang e sua queima de buraco, onde a cerâmica passa por uma queima e depois é depositada sob a palha de milho, onde ganha tonalidades escuras (Museu Índia Vanuire – Tupã – São Paulo).

No desenvolvimento de um trabalho como este, com grupos que se encontram numa fase intermediária do artesanal para o mercado, deveremos usar como referências a própria identidade cultural da comunidade e suas formas de produção, seja na construção do design dos produtos, como também nas peças gráficas que por ventura venham a ser utilizadas nesse processo. Muitas técnicas ancestrais são beneficiadas por novos instrumentos ou processos mais modernos de produção, sem, no entanto, perderem suas características e a autenticidade de um produto artesanal. Dessa forma, no caso particular da cerâmica Pataxó, mesmo que a queima seja realizada de uma forma menos convencional, o produto cerâmico é diferenciado não por isso, mas por suas características únicas: estar carregada de identidade do povo que a produz e ter se tornado uma ferramenta de educação e resistência para a comunidade que a trata como uma retomada cultural.

Segundo a UNESCO, artesanato indígena “é o resultado do trabalho produzido no seio de comunidades e etnias indígenas, onde se identifica o valor de uso, a relação social e cultural da comunidade. Os produtos em sua maioria, são resultantes de trabalhos coletivos incorporados ao cotidiano da vida tribal”. Consultoria da UNESCO para o Ministério da Cultura - Selma Maria Santiago Lima. (Brasil Ministério da Cultura 2017)

A queima a que nos referimos está baseada numa tecnologia adaptada de forno a gás, utilizando-se de um design composto por uma armação de aço inoxidável em chapa moeda, modelado na forma cilíndrica (de um tambor) com tampa. Essa armação é forrada internamente com uma manta térmica resistente ao calor e própria para esse uso. Esse modelo de forno (Figura anexa) foi amplamente adotado justamente para a realização de queimas RAKU, por ser um produto simples e de baixo custo operacional, e é utilizado nesse projeto na queima primária (chamada biscoito) e secundária, com a aplicação de esmaltes de baixa temperatura e sem chumbo. As temperaturas medias alcançam entre 900° e 1000° graus que podem ser medidas através de cones pirofóricos.

Design e artesanato, processos de certa forma antagônicos que teremos que “hibridar”. O modo de pensar o design vem sendo analisado de novas formas, não só na organização do trabalho, como no uso de matérias primas, também preocupadas com a sustentabilidade. Acompanhando esse processo, é possível notar que lojas e centros de compras também estão procurando se adequar a esses “novos modos”, priorizando produtos que demonstrem as características do que vem sendo denominado “design sustentável”, de preferência com forte identidade sócio cultural.

Podemos afirmar que a identidade de uma sociedade é construída com base nas relações interpessoais, na expressão cultural e nos objetos que são frutos dessa relação. Também por meio desse espaço de educação não formal construído no espaço de produção, e da “interação do ser humano com a sociedade, deve refletir a imagem que tem de si mesma, expressando intensamente sua cultura e o espaço onde se insere, procurando recriá-lo de forma que se proporcionem condições para que essa sociedade se desenvolva de forma saudável e sustentável”.

“O homem é uma das espécies, entre milhares, que depende do equilíbrio do todo para sua sobrevivência e a única que tem consciência de intervir benéfica ou maleficamente com responsabilidade inigualável”. Educação meio ambiente e cidadania 1998.

Por isso devemos propor novos modelos de relacionamentos, mais harmônicos com a natureza, adotar posturas de integração e participação comunitária, agir com mais solidariedade, com cidadania, tendo na educação a ferramenta para despertar a consciência para o consumo e o desperdício. O desperdício gera empobrecimento ambiental, portanto, utilizar melhor e mais racionalmente nossos recursos é igual a preservar e ampliar estes recursos. A educação deve preparar pessoas para a vida como membros da biosfera.

Em 1975, na cidade de Belgrado, 20 especialistas em educação ambiental do mundo todo se reuniram e escreveram o seguinte sobre o assunto: “A educação ambiental deve desenvolver um cidadão consciente do ambiente total, preocupado com os problemas associados a esse ambiente e que tenha o conhecimento, as atitudes, motivações, envolvimento e habilidades para trabalhar individual e coletivamente em busca de soluções para resolver os problemas atuais e prevenir os futuros”. Carta de Belgrado 1975.

A erradicação da pobreza extrema e da fome e a redução das desigualdades sociais são desafios brasileiros importantes, que devem ser objetos de políticas públicas que articulem CT&I (Ciência, Tecnologia e Informação) visando à inclusão produtiva e social, sendo que as novas tecnologias sociais e sua disseminação, pode contribuir significativamente para a inclusão produtiva e para a redução das desigualdades de oportunidades e de inserção ocupacional. Os resultados esperados da implantação dessa Tecnologia são: Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares possíveis de implantação dessa tecnologia; Acabar com a fome e alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover ações sustentáveis nas comunidades alvo; Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem para todos; Alcançar a igualdade de gênero, empoderar todas as mulheres e meninas da comunidade; Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água necessária à vida e ao projeto; Assegurar a todos o acesso confiável aos conhecimentos básicos e específicos para o desempenho das atividades; Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e com emprego pleno e produtivo; Construir infraestruturas resilientes, a fim de promover a especialização inclusiva, sustentável e fomentar a inovação; Reduzir a desigualdade; Tornar as ações do projeto na comunidade inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis; Assegurar a educação para padrões de produção e de consumo sustentáveis; Tomar medidas para os envolvidos conheçam e combatam a mudança do clima e os seus impactos; Conservar e usar sustentavelmente os recursos para o desenvolvimento sustentável; Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os

níveis; Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável e trabalho decente para todos.

Imagino que podemos tudo isso, desde que juntos, agindo para o fortalecimento das alternativas econômicas na comunidade, promovendo a gestão territorial compartilhada e sustentável, e trabalhando para o aprimoramento da utilização sustentável dos recursos naturais locais. Atuamos na proteção da biodiversidade, da agro biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais associados, por meio da criação, consolidação e fortalecimento de instâncias representativas da comunidade para a gestão do projeto: O Conselho Gestor e os representantes legais, a partir do modelo escolhido de (associação ou cooperativa) para a produção da cerâmica.

## O corpo cerâmico e o corpo social

Os aspectos simbólicos da arte indígena sul-americana, foram estudados com o maior interesse por Boas (1942). Naquele tempo porém, a teoria antropológica estava menos instrumentalizada do que agora para tratar desse tipo de fenômeno. Na etnologia brasileira, eles ainda mal começam a aflorar como objeto de estudo, entretanto, os estudos realizados até agora são bastante significativos. O que eles procuram demonstrar é que “a categorização do corpo obedece a regras de codificação que presidem o comportamento de seus portadores, de acordo com papéis sociais e rituais que esse código visual torna exemplos feitos”. (LAGROU, SEVERI,(2013); BOAS (2004)). Essa informação codificada em saberes tradicionais, passa de geração para geração, contribuindo para a sobrevivência e desenvolvimento das sociedades. Isso explica a persistência de uma tecnologia, que não obstante sua singeleza, permite a todas as sociedades uma adaptação ao meio, de acordo com suas necessidades. A arte cerâmica, como manifestação das necessidades estéticas, e presente em praticamente todas as sociedades, em quase todos os tempos, é um componente de signos e representações simbólicas que sobrevive, conta histórias e mesmo aos cacós, segue eloquente em seu discurso revelador de nossos jeitos e gestos.

“O importante para os indígenas, como observa Darcy Ribeiro, não é deter o objeto belo, mas ter os artistas ali, fazendo e refazendo a beleza, hoje como ontem e amanhã e sempre. Essa certeza de que a vida está composta de coisas que têm tanto potencialidades práticas como expressões de beleza, lhes dá uma grande segurança no futuro”. (RIBEIRO Darcy 1995)

Analisamos a retomada da produção da cerâmica Pataxó a partir de similitudes icônicas com um possível modelo ou sua representação: traços felino-humanos, traços híbridos múltiplos, antropomorfos, e uma série de outros tipos de dualidades que aparecem na iconografia Pataxó. No entanto a interpretação de seus significados simbólicos em função de elementos culturais de contextos etnográficos serão alvos de uma futura análise mais profunda. A relevância social desse trabalho está também na valorização da autoestima, no empoderamento e no autoconhecimento gerado a partir de sua realidade, suas expectativas, realizações e frustrações, visando sempre o fortalecimento do grupo.

Segundo Arissana Pataxó, “a comercialização dos adereços Pataxó está estreitamente ligada à venda de outros objetos produzidos por esse povo”. E que se estende a vários espaços, pois sendo uma atividade que rege a economia da maioria das aldeias, “obriga” os Pataxó a se deslocarem, com frequência, para garantir a sua sobrevivência. São vendidos na própria aldeia, nas praias da região do extremo Sul da Bahia, principalmente aquelas que ficam mais próximas das aldeias Pataxó, como as praias de Caraíva, Trancoso, Arraial D’Ajuda, Coroa Vermelha, Porto Seguro, Prado e Cumuruxatiba. As vendas nas praias são mais frequentes no verão, pois há um fluxo maior de turistas na região. Durante o inverno, a

alternativa é recorrer a lugares mais distantes, mediante a participação em feiras de artesanato e eventos que permitem a comercialização (Arissana Pataxó 2012).

## Considerações Finais

A cerâmica resultante desse projeto especificamente é matricial, indígena, popular e contemporânea; carrega a expressão cultural de retomada do Povo Pataxó, e assim deve ser considerada, até porque essa condição lhe agrega valor cultural e é um aspecto que está para além do mercadológico. Arissana Pataxó vê nas formas de comercialização do artesanato Pataxó, através das redes que se entrelaçam nas aldeias e assim proporcionam a circulação dos adereços, similaridades ao que Bronislaw Malinowski registrou nas Ilhas Trobriand na Nova Guiné, através do Kula. Essa é uma visão inspiradora. A mim as redes de comercialização Pataxó, muito se parecem com as redes sociais de hoje, e o modo de comercialização remoto, pode ser uma forma bastante eficiente de difusão da cerâmica e da cultura Pataxó.

## Referências

ABC - Associação Brasileira de Cerâmica – **Informações Técnicas** – Definição e classificação – <http://www.abccram.org.br>. Acesso em 05/02/2015.

BOAS, Franz. “**As limitações do método comparativo em Antropologia**”. In: Antropologia Cultural. Organizado, apresentado e traduzido por Celso Castro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004, pp. 25- 39.

BRASIL - **Consultoria da UNESCO para o Ministério da Cultura** - Selma Maria Santiago Lima. (2017).

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MIDIC) **Estimativas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MIDIC) dão números ao artesanato brasileiro** (2017).

CANCLINI, N. G. As culturas populares no capitalismo - Trad. Claudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense 1983

CNPQ - **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico** – CNPq, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações – MCTIC, Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento – SEPED, Ministério do Desenvolvimento Social – MDS, Secretaria de Inclusão Social e Produtiva – SISP.

CONAES - Conferência Nacional de economia Solidária – **Pelo direito de produzir e viver em cooperação de maneira sustentável**. CONAES 2010.

DNPM - Divisão de Desenvolvimento da Mineração - **Anuário Mineral Brasileiro Brasília**: DNPM, 2011.

ENCTI, ver [www.mctic.gov.br](http://www.mctic.gov.br)

FIESC-SENAI **Anais do Fórum Internacional Design e Diversidade Cultural**. 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

HALL, S. **The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time.** In: THOMPSON, Kenneth (ed.). Media and cultural regulation. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997

IPEA/PNUD – **Desafios do Desenvolvimento** – Fevereiro de 2006 – Ano 3 – numero 19 p. 21 a 29.

IPEA - **Sociedade e Economia: estratégias de crescimento e desenvolvimento.** Organizadores: João SICSÚ, Armando CASTELAR, 2009.

LAUER, Mirko. **Crítica do Artesanato: Plástica e Sociedade nos Andes Peruanos,** São Paulo: Nobel, 1193.

LAGROU, Els e SEVERI, Carlo (orgs.). **Quimeras em diálogo – grafismo e figuração na arte indígena.** Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2013, 366 pp.

LEI Nº 13.180, DE 22 DE OUTUBRO DE 2015. DOU – presidenta Dilma Rouseff. 2015 Lévi Strauss **L'Identité: Séminaire Interdisciplinaire dirigé par.** Claude Lévi-Strauss (1974-1975). Bernard Grasset, Paris, 1977.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia.** São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MIGNOLO, Walter 1995 **The Darker Side of the Renaissance.** Literacy, Territoriality and Colonization (Ann Arbor: Michigan University Press).1995

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade.** In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires, p. 71-103, 2005. Artigo originalmente publicado na Revista Gragoatá, n. 22, pp. 11-41, 1º semestre, traduzido por Ângela Lopes Norte, 2007.

ONU/ODS - **Agenda 2030 e suas metas.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015>

PROGREDIR, Plano, Disponível em: [www.mds.gov.br/progredir](http://www.mds.gov.br/progredir)

RAMID; RIBEIRO. **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e desenvolvimento,** Rio de Janeiro, de 3 a 21 de junho de 1992.

REVISTA Arc Design, número 26, 2002. **Uma inversão do Olhar.** Página 16.

RIBEIRO, Darcy - Suma Etnológica brasileira - **Edição atualizada do Handbook of South America Indians.** Darcy Ribeiro (Editor). Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Darcy - **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** Civilização Brasileira (1995).

RIBEIRO, Darcy - **Os índios e a civilização-A integração das populações indígenas no Brasil moderno.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. (1970)

SMA Secretaria do Meio Ambiente CEAM – Coordenação de Educação Ambiental **Educação, Meio ambiente e cidadania – Reflexões e experiências** - Fábio Cascino/ Pedro Jacobi/ José Flávio de Oliveira SP- 1998.

SEBRAE. **Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro.** V.1, n. 1, mar. 2008.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, Arissana Braz Bomfim. **Arte e Identidade: Adornos Corporais Pataxó**, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

UNESCO - Conferência de Estocolmo (realizada em 1972), do qual resultou a **Carta de Belgrado**: uma estrutura global para a educação ambiental. (UNESCO, 1975).

UNEP/UNESCO - Harvesting one Hundredfold – **Key concepts and Cases Studies in Environmental Educacion** – Donella H. Meadows – United Nations Environment Programme – 1997.

Recebido em: 24 de fevereiro de 2020.

Aceito em: 21 de março de 2022.